



AS CRIANÇAS NA ESCOLA DE SAMBA: O SABER-FAZER DA ETNOGRAFIA EM CONTEXTOS LOCAIS DE EDUCAÇÃO

Children at samba school: the ethnography's know-how in local contexts of education

Patricia de Moraes **LIMA**
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC
Florianópolis, Brasil
patricia.demoraeslima@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7741-3709> 

Fabiana **DUARTE**
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC
Florianópolis, Brasil
fduarte17@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-9329-0830> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este texto reflete acerca da etnografia como metodologia que permite a construção de saberes locais *com e sobre* as crianças. Problematisa, a partir das práticas culturais e locais no contexto da escola de samba, a etnografia com crianças como uma *metodologia útil* e uma epistemologia que permite a produção de conhecimentos que reconhecem as crianças como sujeitos de direitos que participam de convívio coletivo marcado pela intergeracionalidade. Parte-se da pesquisa realizada sobre o carnaval na cidade de Florianópolis/SC e, especificamente, do “projeto mirim de casais de mestre sala e porta bandeira” da Escola de Samba Embaixada Copa Lord, localizada na comunidade do Morro da Caixa, região central da cidade, em que a *proximidade* com as crianças e adultos permitiu conhecer o lugar das crianças na interioridade das práticas ali existentes. Nesse texto escolhemos refletir sobre o aprimoramento do fazer etnográfico, identificando de que forma o tempo, as relações e as escolhas das “técnicas” e recursos ocorrem no processo da pesquisa com crianças, em um esforço de interseccionar a etnografia pelo campo da Antropologia, colocando-a em diálogo com os Estudos da Infância e procurando conhecer as crianças a partir dos contextos locais onde constituem seus modos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Etnografia; Proximidade; Saber-fazer.

ABSTRACT

This text aims to reflect ethnography as a methodology that allows the construction of local knowledge with and about children. From the cultural and local practices in the context of the samba school, ethnography with children is problematized as a useful methodology and an epistemology that allows the production of knowledge recognizing children as subjects of rights who participate in collective interaction marked by intergenerationality. This is based on research carried out on Carnival in the city of Florianópolis /SC and, specifically, on the “Projeto Mirim de Casais Mestre Sala e Porta Bandeira” of the Embaixada Copa Lord Samba School, located in the Morro da Caixa community in the central region of the city, on what the proximity with the children and adults allowed to know the children's place within the existing practices there. In this text we choose to reflect on the improvement of ethnographic doing, identifying how time, relationships and the choice of “techniques” and resources occur in the research process with children, in an effort to intersect ethnography through the field of Anthropology, placing it in a dialogue with Childhood Studies and seeking to know children from the local contexts in which they constitute their ways of life.

KEYWORDS: Children; Ethnography; Proximity; Know-how.

1. POR ONDE PARTIMOS PARA PENSAR O LUGAR DAS CRIANÇAS NA PESQUISA? DA COLONIALIDADE DO PENSAMENTO SOBRE A INFÂNCIA

A produção do conhecimento sobre o que é ser criança e do que constitui a infância está dialogicamente relacionada com as significações e representações produzidas culturalmente em determinadas condições históricas; por isso, não podem ser vistas como definitivas e permanentes já que se trata de uma visão histórica, cultural e socialmente variável. As crianças sempre existiram em todas as sociedades, mas as formas de ser e viver suas infâncias não foram e não são iguais, apesar da insistente homogeneização configurada pelo projeto da Modernidade que emerge sob o solo de uma episteme ocidental, ancorada em uma filosofia que etniciza e essencializa a história em uma origem eurocêntrica, universalizando e homogeneizando o modo de conhecer ao outro e a nós mesmos (SODRÉ, 2017). Muitos foram os significados produzidos ao longo dos anos em torno da construção de um lugar para a infância, especialmente na modernidade, onde se buscou conhecê-la e defini-la.

Muitas instituições foram criadas e a elas destinadas a função de educar, adaptar, cuidar; enfim, a infância passa a ter corpo e ganha presença na esfera da vida social. Como bem coloca Foucault (1985), o sujeito na modernidade pode saber sem necessariamente conhecer a si mesmo. Segundo o autor, a experiência que se forma no século XIX aloja a descoberta da finitude no coração dos conteúdos que são dados pela possibilidade de um saber finito. Portanto, se o saber é finito, se existe uma última verdade sobre as coisas, estamos todos presos(as), sem liberação possível. A cultura moderna pode pensar o homem porque ele pensa o finito a partir dele próprio (LIMA, 2011, p. 119).

Ao discutir sobre a emergência do conceito de infância, Dornelles (2008) aponta para a produção de sua historicidade e das práticas de verdades utilizadas para o disciplinamento do sujeito infantil e produções deste enquanto sujeito-aprendiz. Nesse sentido, a autora problematiza de que forma as crianças historicamente nos escapam, e atenta para o fato de a infância ser produto de uma trama histórica e social em que o adulto “busca capturá-la através da produção de saberes e poderes com vistas a seu gerenciamento” (DORNELLES, 2008, p. 12).

No horizonte dessa tradição moderna emerge a noção sobre a infância, sendo a geração adulta a discorrer acerca das crianças, o que são e como devem viver, a partir de uma normatividade que universaliza, homogeneiza e humaniza os modos de ser criança na sociedade. Há uma noção sobre ‘o humano’ que renega a alteridade a partir

da hierarquização referendada por uma filosofia secular na qual “provém o juízo epistêmico de que o Outro (*anthropos*) não tem plenitude racional, logo, seria ontologicamente inferior ao humano ocidental” (SODRÉ, 2017, p. 14). Nesse sentido, defende-se a necessidade de ultrapassar a “lógica adultocêntrica” nas pesquisas com crianças.

As mudanças no mapa geo-político-econômico do ocidente transformam a vida e afetam os modos de conhecer as crianças e a infância. O interesse permanente sobre as crianças atrela-se às mudanças estruturais na sociedade, principalmente quanto ao novo sistema produtivo, havendo necessidade de preservar a população e a mão de obra. Nessa perspectiva, o ser humano deveria ser preparado para se adaptar a essa nova sociedade. Com as ciências tendo seus estudos voltados para a infância começa a construção de uma compreensão moderna do ser criança, de sua vida e educação.

No entanto, cabe destacar o conhecimento epistemológico que se engendra sob a ciência moderna não contempla outros modos de vida que não aqueles que ascendem nesse modelo. Assim, as crianças negras, indígenas e pertencentes a outros grupos étnicos e socioeconômicos não são contempladas nesse espectro epistemológico ou, melhor definido por Kabengele Munanga quando, ao abordar o surgimento de uma “nova” etnia nacional brasileira, defende que isso “passa tanto pela anulação das identidades étnicas de índios, africanos e europeus quanto pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem” (MUNANGA, 2010, p. 444). Assistimos¹ assim, ao processo constitutivo de uma identidade brasileira a passar por um duro ideal de branqueamento, obedecendo a uma ideologia hegemônica advinda da elite pensante e política; ideal que foi posicionando aos próprios negros a negação de sua negritude e cultura a fim de escaparem dos efeitos da discriminação (MUNANGA, 2010).

É por essa direção que esta investigação posiciona-se: da necessidade de desconstrução e interrogação sobre as bases na qual se engendra a noção de infância na modernidade. Entendemos que um trabalho de pesquisa sobre/com crianças na escola de samba demarca um contexto inscrito na cultura negra e que estamos a situar, com isso, uma infância negra na produção intelectual e acadêmica dos Estudos da Infância no Brasil. Entendemos que essa localização alinha-se na etnografia com

¹ A escolha da pessoa verbal aqui utilizada será a 1ª pessoa do plural, considerando que esta escrita segue em composição de um processo de orientação e escrita tecido entre pesquisadora-orientadora. Portanto, a pesquisadora é quem traz para este texto suas notas de campo como material empírico para as reflexões aqui produzidas, grande parte já partilhadas no processo de construção da tese e originaram-se de uma experiência etnográfica particularizada com os sujeitos da pesquisa.

aspectos centrais tais como: i) a contextualização das práticas sociais nas quais as crianças encontram-se na escola de samba; ii) o conhecimento da territorialidade como aspecto na pesquisa que acessa a historicidade pela cultura negra e, sobretudo, por cosmologias partilhadas na interioridade das relações sociais ali produzidas e que irão nos dizer quais infâncias estamos a conhecer; iii) a vetorização das linhas de parentalidade como *via de acesso* para melhor compreender o lugar das crianças na relação com a geração dos adultos.

2. A ETNOGRAFIA E A PESQUISA COM CRIANÇAS

Pensar a infância por outros lugares, em outros contextos sociais e culturais, permite-nos refletir sobre como a etnografia poderá ser compreendida como *metodologia útil* à construção de saberes locais *com* e *sobre* as crianças. Interroga-nos sobre como pesquisar e conhecer as crianças e suas infâncias a partir delas e de seus contextos próprios, e como “traduzir” essa complexidade para a pesquisa.

Na pesquisa com crianças, Pia Christensen e Allison James (2005) sugerem não ser necessário uma metodologia exclusiva e diferenciada daquelas já utilizadas pela antropologia, alertando para a não distinção entre as pesquisas com crianças e as que são realizadas com adultos. No caso, enfatiza-se que pesquisador/a coloque-se como interlocutor/a travando o desafio de ultrapassar ou amenizar a distinção feita pelas crianças nessa relação com os adultos. Clarice Cohn alerta que, para evitar que imagens adultocêntricas enviesem nossas observações, torna-se necessário “lembrar desde a realização da pesquisa (e não apenas na análise dos dados), que a criança é um sujeito social pleno e, como tal deve ser considerado e tratado” (COHN, 2005, p. 45).

O grande desafio que Cohn (2005) indica, gira em torno de uma Antropologia da Criança e de uma metodologia que “capture” os modos de vida das crianças, o que incide, para nós, na seguinte questão: como apreender o ponto de vista do sujeito pesquisado - as crianças - sobre a realidade social? A autora aponta que “a criança não sabe menos, ela sabe outra coisa”, mas sabe e tem muito a nos dizer, a nos indicar nas pesquisas, pelos diferentes lugares que vive. Malinowski (1978) afirma que a antropologia deve reconstituir os processos sociais a partir do ponto de vista do “nativo”, seja ele quem for. Com isso, perguntamos o que se deve fazer quando o “nativo” não é um “outro” adulto, mas uma criança? Para tanto, teríamos que levar em

conta como as crianças pensam acerca de si mesmas e não somente como os adultos de uma determinada sociedade as pensam.

A pesquisa etnográfica parte da observação participante e do contato direto com os sujeitos, pressupondo conhecer as práticas que os envolvem e o lugar pesquisado. O deslocamento do nosso conhecimento e de pontos de vista pré-determinados são essenciais para o processo etnográfico, pois entrar em contato com o outro para apreender seus modos de vida próprios requer desvincular-se dos pré-conceitos construídos social e historicamente e, ainda, considerar qual o lugar de sujeito que ocupamos na relação com o campo e com o outro sujeito pesquisado (as crianças).

Ora, na pesquisa com crianças, pensar na posição do sujeito implica compreender que ela é marcada por uma relação intergeracional, e que será sempre o “eu-adulto” que escreverá sobre o “outro-criança”. Portanto, nessa relação nunca alcançaremos esse outro em sua totalidade, sendo necessário considerar os limites e possibilidades postos e sob qual forma trataremos esses aspectos em campo e na escrita etnográfica, especialmente quando buscamos um reconhecimento dos sujeitos da pesquisa que não abandona as posições éticas e as alteridades nesse processo. Desta forma, o método etnográfico, sendo um modo particular de estudar empiricamente a alteridade e constituindo-se na relação de alteridade entre pesquisadores/as e pesquisados, ao ser realizado com crianças visa cumprir o princípio da sua adequabilidade uma vez que o anima a “tentativa de entender, de alguma forma, como ‘entendemos entendimentos’ diferentes do nosso” (GEERTZ, 2000, p. 12).

Portanto, nessa relação do adulto que pesquisa a criança, nosso esforço consiste em compreender suas formas comunicativas, o que dizem e como dizem

Ou seja, as crianças têm “voz” porque têm “coisas” – ideias, opiniões, críticas, experiências, (...) - a dizer aos adultos, verbalmente ou não, literalmente ou não, mas estes só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento se estiverem na disposição de suspender os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas os delas e assim compreenderem o sentido das suas interações no contexto dos seus universos específicos (FERREIRA, 2010, p. 157).
(sic)

Em suma, a etnografia, enquanto metodologia na pesquisa com crianças, tem sua contribuição, precisamente, no sentido de nos permitir ver o como as pessoas fazem o que fazem (MALINOWSKI, 1978) em cada grupo, em cada sociedade. Ou seja,

entender o *ethos*² estabelecido/criado em cada lugar pelas pessoas que ali estão através de uma interiorização na/da vida, participando da dinâmica local no tempo em que ocorre; neste caso, a organização da escola de samba em suas atividades para o carnaval.

3. O CAMPO NA PESQUISA ETNOGRÁFICA: O TERRITÓRIO DA ESCOLA DE SAMBA

Muitas vezes estamos tão determinados a garimpar em um lado e não nos damos conta que as onças de ouro podem estar de outro. É preciso olhar, cheirar, tocar, observar, participar, viver a experiência com o máximo que o campo nos possibilitar e nos permitir (GERBER, 2015, p. 39).

A partir das considerações de Gerber (2015) entende-se que no campo emergem as afetações condicionantes de nossas experiências, sejam elas positivas ou negativas. Sendo assim, a etnografia só será possível numa proximidade com esse campo sendo construída e constituída por esse lugar, tendo a observação uma relação intrínseca com a inscrição do/a pesquisador/a nesse contexto; ou seja, uma proximidade que além de física precisa ser social. E foi por essa via que a aproximação com o campo escolhido estabeleceu-se na cumplicidade com outros sujeitos lá presentes e, na medida em que permitiam acesso aos espaços de convivência, também ampliaram que as questões de pesquisa aparecessem no processo da investigação.

Assim, a partir de uma aproximação de âmbito mais “global” no/pelo carnaval de Florianópolis/SC, o campo foi delimitado, processo que ocorreu através dos ensaios gerais das escolas de samba³ objetivando observar, a partir da circulação das crianças, de que forma elas participavam desse movimento.

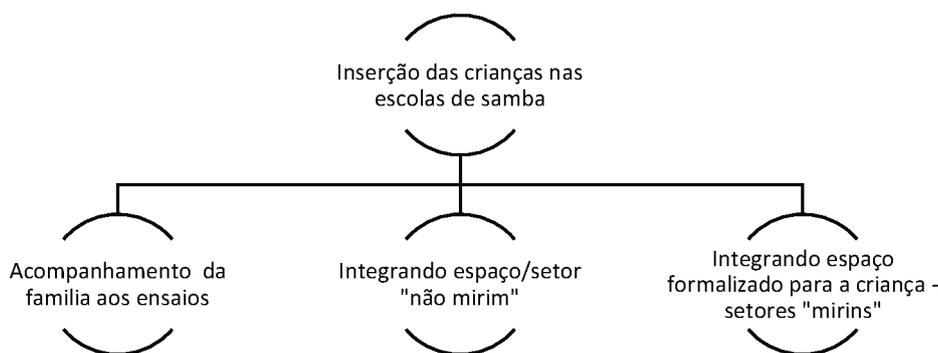
Esse momento inicial de pesquisa revelou uma presença intensa das crianças e, ao mesmo tempo, localizou os seus lugares nesse contexto pela forma em que se

² Entendendo o *ethos* por seu sentido semântico como, conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Na Antropologia, refere-se à característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Informação disponível em: <https://www.dicio.com.br/ethos>. Acesso em: 23 jul 2019.

³ Ensaios realizados com todos os segmentos da escola (bateria, casais de mestre sala e porta bandeira, passistas, corte, ala coreografada, comissão de frente, etc.), o que aconteceu a partir do mês de agosto de 2016 até o carnaval de 2017.

inserem na escola de samba. Essa inserção ocorre, em particular, através de três vias específicas delineadas no percurso das observações:

Figura 1 - Mapeamento etnográfico da inserção das crianças nas escolas de samba de Florianópolis/SC



Fonte: Elaboração das autoras.

A partir deste mapeamento⁴ foi possível situar aquele que se constituiria no campo de pesquisa num âmbito mais "local", a comunidade do Morro da Caixa e, especificamente, o 'projeto mirim de casais de mestre sala e porta bandeira' da Escola de Samba Embaixada Copa Lord. Importa ressaltar que os projetos mirins são destinados às crianças da comunidade buscando uma "formação" em torno das atividades e setores existentes nas escolas de samba. De acordo com Ribeiro (2009), desde a fundação das escolas de samba, as crianças participam das atividades junto com suas famílias, ou mesmo compondo espaços como a "ala das crianças", e recentemente, as escolinhas ou os chamados "projetos mirins", por exemplo, o de casal de mestre sala e porta bandeira, bateria e assistentes mirins. Assim, o campo de pesquisa constituiu-se junto ao 'projeto mirim de casais de mestre sala e porta-bandeira'⁵ em que participam doze crianças pertencentes à comunidade do Morro da Caixa, as quais foram os sujeitos da investigação.

4 Mapeamento que partiu de uma localização de ordem mais "global", a partir dos ensaios gerais das quatro escolas de samba mais antigas de Florianópolis. A saber, das escolas "Os Protegidos da Princesa", "Embaixada Copa Lord", "Unidos da Colônia" e "Consulado".

5 Os projetos mirins são destinados às crianças, geralmente da comunidade, e, de uma maneira geral, objetivam a formação das crianças em torno das atividades e setores existentes nas escolas de samba; neste caso, ao setor específico que é o de Mestre Sala e Porta Bandeira.

Entende-se que nesse “lugar”, a comunidade da escola de samba constitui-se a partir das relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço (LOPES, 2013), e que esse “território” é o espaço destinado a um determinado grupo social; portanto, é um lugar com demarcações territoriais. O reconhecimento de um território viabiliza a construção de identidades culturais e, nessa comunidade, presenciamos isso através das práticas que envolvem a tradição carnavalesca. Nessa direção, segundo Lopes e Vasconcellos (2006, p. 118)

os sujeitos presentes nesses espaços incorporariam essas dimensões e viveriam de acordo com as redes de significado nelas tecidas, estando, portanto, ‘territorializados’ a um local concreto, com fronteiras delimitadas, pertencentes a diversos grupos sociais que se diferenciariam a partir de suas extensões e com regras a serem seguidas.

O processo de formação da comunidade pesquisada atrela-se aos aspectos relativos a cultura negra em Florianópolis, tendo em vista que, em sua maioria, os sujeitos da pesquisa são negros e vivem nessa comunidade.

Dentro desse território, atravessado por uma historicidade e forte ancestralidade, localiza-se a quadra da escola de samba pesquisada e, nessa relação com o território, as crianças estão posicionadas e inseridas socialmente, compondo esse lugar e relacionando-se com ele. Na medida em que concebíamos esse território, a circulação das crianças na comunidade e as formas, sempre juntas, como chegavam e partiam da quadra da escola de samba, ampliavam o entendimento das relações das crianças com esse lugar-comunidade e as formas de pertencimento que ali se fizeram presentes:

Após o ensaio das crianças, os adultos ensaiam. Permaneço um pouco após encerrar as crianças para perceber o “movimento” delas irem embora, e observo que o casal adulto inicia o ensaio e as crianças ficam um tempo ainda na quadra, observando eles dançarem. Devagarinho vão se movimentando e saindo todas juntas da quadra, indo embora a pé; a coordenadora me diz que elas moram todas próximas à quadra e que são da comunidade. Assim, vejo que elas vão embora sozinhas e juntas. (Nota de Campo, 23 de novembro de 2017).

Partindo da Antropologia, é sob o aguçamento do olhar em campo, que a própria etnografia é delineada. O estar no campo é, nessa perspectiva, marcado por esboços iniciais da pesquisa e, pelas relações estabelecidas com os sujeitos, apurado, qualificado e, até, repensado quando preciso. O lugar de partida altera-se na medida em que o volume da pesquisa ganha densidade, e isso acontece pelo exercício de proximidade que envolve o trabalho de campo (PRATT, 2016). Partimos para o que muitos antropólogos designam como uma “aventura antropológica”, lançando-nos para estranhas viagens por lugares desconhecidos ou, neste caso, por outros lugares em que

as crianças circulam e a pesquisa científica talvez não as visite muito. A aventura aqui citada vai ao encontro do que Gerber (2015, p. 39) pontua como sendo “um exercício que implica superar a inocência que permeia a aventura-fantasia, se consideramos que a aventura antropológica seria o exercício da própria etnografia”.

Com um “mergulho” etnográfico no campo, a pesquisa foi desenhada por “blocos” que dizem respeito aos períodos de entrada em campo, respeitando a própria dinâmica e tempo do contexto envolvido; no caso, o carnaval. A especificidade da temporalidade foi uma das questões iniciais quando se foi ao encontro das crianças, pois o carnaval acontece uma vez ao ano e o movimento das escolas de samba para sua preparação também ocorre a partir de uma periodicidade específica, geralmente iniciada a partir do mês de agosto de cada ano. Por esses motivos, o campo precisou ser organizado por “blocos”, de forma não linear e durante três anos, compreendendo períodos de permanências⁶ e de afastamentos. Dessa maneira, a pesquisa de campo desenhou-se por uma “itinerância” que respeitou a própria dinâmica local e as temporalidades constitutivas do carnaval. Pensar a etnografia em espaços locais requer essa adaptação que questiona também, por vezes, a ideia de permanência no campo etnográfico.

A primeira entrada no campo ocorreu em setembro de 2016 até o carnaval de 2017, onde foi constituída uma aproximação mais geral do/com o carnaval e das escolas de samba da cidade de Florianópolis/SC; momento em que foi localizado em qual escola de samba seria realizada a pesquisa.

Com o campo mapeado e localizado, entrou-se na comunidade do Morro da Caixa entre agosto de 2017 e fevereiro de 2018. Nesse momento obtiveram-se os dados mais específicos para a pesquisa, e também se foi alterando e remodelando a investigação de acordo com o lugar (o campo de pesquisa). No final do carnaval de 2018, os diários de campo e registros fotográficos/fílmicos já existentes foram retomados e ocorreu a necessidade de regressar ao campo. Assim, em agosto de 2018, voltou-se com um olhar mais localizado para algumas questões já pontuadas nas/pelas notas de campo e para a devolutiva do material às crianças e adultos. Desejava-se afirmar uma ideia não de terminalidade, e sim de implicação dos sujeitos na pesquisa, no aprimorar o material inicial recolhido a partir dos registros, colocando-os à disposição das crianças e escutando-as sobre esse processo. Resumidamente, o campo foi composto em três momentos: i) primeiro, por uma globalidade para captar aquele que seria um campo

⁶ Que ocorreu a partir do mês de agosto dos anos de 2016, 2017 e 2018, indo até o carnaval dos anos seguintes (2017, 2018, 2019).

mais local; ii) segundo, uma imersão nesse campo com encontros com os sujeitos e construção do material da pesquisa (notas de campo, fotos e vídeos); iii) terceiro, devolutiva do material para aprofundar questões da pesquisa juntamente com as crianças e adultos.

Importante salientar que, quando se afirma o campo, se delimita a própria etnografia no sentido de que se chega para essa “aventura” despida dos recursos, das técnicas, ou seja, parte-se de algumas questões *a priori*; porém, somente a permanência em campo indica o como fazer, podendo, até mesmo remodelar as questões iniciais de pesquisa. Por isso, o desenho do campo aconteceu no próprio campo. É nesse sentido que se coaduna com ideia de pluralidade tratada por Gerber (2015, p. 40) ao apontar que “há campos e campos e formas distintas de compor o fazer antropológico”.

4. O FAZER ETNOGRÁFICO: O TEMPO, AS RELAÇÕES E AS ESCOLHAS DAS “TÉCNICAS” E RECURSOS NA PESQUISA

Hoje posso dizer que seria a minha primeira entrada em campo de forma mais específica com as crianças (porque fiz no carnaval passado uma incursão para mapear o campo, mas não tão localizada, no encontro direto com as crianças), e hoje passo a exercitar um olhar e também uma escrita etnográfica, e isso, acredito que vou aprendendo no caminho. Porque sim, tenho e estou sentindo isso agora, tenho dúvidas... O que olhar? O que observar? Como e o que escrever? Mas isso é só um parênteses que me surgiu no momento em que estava passando essas notas a limpo... (Nota de campo, 23 de novembro de 2017).

Delimitar um campo na pesquisa etnográfica nem sempre é tarefa fácil, entende-se que o campo precisa também nos aceitar e essa aceitação passa para muito além de questões burocráticas, tais como algumas exigidas pelo o comitê de ética. Ou seja, essa anuência intercorre num plano muito mais subjetivo, o qual prevê que relações sejam estabelecidas e asseguradas. Dessa forma, outro aspecto importante na etnografia entra em cena: a temporalidade.

Pode-se dizer que uma “verdadeira” imersão no campo ocorreu somente quando afecções⁷ foram construídas pelas relações diárias entre os sujeitos envolvidos na trama

⁷ Utilizamos esse termo cunhado por Carlos Skliar (2006) para compreender esse desdobramento que se dá a partir da alteridade proveniente da relação que estabelecemos sempre através de um outro que difere.

da pesquisa. E isso só foi possível pelo tempo. Referimo-nos aqui, não exatamente ao tempo cronológico, mas a um tempo que é o do próprio campo. Assim, nesse caso específico, o tempo foi ditado pelo próprio contexto da pesquisa pois, como já mencionado, o campo constitui-se por outra lógica temporal, não contínua e nem regular:

Mesmo não havendo ensaio achei válido registrar para demarcar a inconstância que é o campo de pesquisa em locais com uma singularidade própria como é a escola de samba, onde temos que nos adaptar a esse tempo (e o que mais tem sido difícil para mim) que é diferente de outras lógicas de tempo na pesquisa com crianças, em especial. Mas que também, ao mesmo tempo em que não teve ensaio com as crianças, ir até lá me propicia entender mais de perto todo esse movimento da escola e da comunidade, e tenho acreditado que fazer etnografia é lidar também com essas inconstâncias e demarcar também essas singularidades e movimentos desse campo, desse lugar. Os momentos de encontros, mas também de desencontros com os sujeitos da pesquisa, um desencontro que propicia outros encontros e outros olhares! Mesmo que seja, como foi hoje, apenas para ir à comunidade e olhar seu entorno e sua movimentação, entrar na quadra e encontrar novamente o senhorzinho que abre a quadra todos os dias... Perceber que as pessoas vão encaixando nas suas vidas o movimento da escola de samba, chegando do serviço e indo direto para a quadra. (Nota de Campo, 28 de novembro de 2017).

Nessa relação de também desencontros com o campo, aos poucos fomos construindo relações com os sujeitos e com o lugar, primeiramente com os adultos, coordenadores do projeto mirim, para então chegar às crianças da comunidade participantes do 'projeto mirim de casais de mestre sala e porta bandeira'. Num primeiro momento, a chegada à quadra da escola foi munida somente com um caderno que rapidamente foi trocado pelo bloco de notas do celular (sem fotografar) para anotações que posteriormente foram passadas a limpo. Importante dizer que fotografar e filmar não geravam estranhamento ou constrangimentos nas crianças. O que causou mais estranhamento nelas foi o caderno, a caneta e as anotações durante o ensaio⁹:

Posiciono-me num canto da quadra, sentada de porte da minha bolsa em que dentro havia meu caderno para notas; no entanto, ao retirá-lo para anotar o que a coordenadora do projeto dos casais havia me falado, percebo duas coisas. Primeiro, que eu ia cansar muito escrevendo e tenho muita dor no braço (inflamação), e que talvez esquecesse de anotar alguma coisa por escrever devagar e, outro ponto crucial foi que, estando de porte do caderno, as crianças me olhavam com mais estranhamento. Foi então que retomei ao que tinha feito no ensaio das assistas mirins (o que eu fiz justamente para não causar estranhamento de ter alguém

⁸ A quadra é o espaço social da escola de samba onde ocorrem todas as atividades ligadas à ela.

⁹ O movimento do ensaio foi durante o segundo semestre de 2017 até o carnaval de 2018 e, posteriormente, retornando no segundo semestre de 2018, ocorreu na quadra da escola, duas vezes na semana no período noturno.

anotando coisas num caderno em meio um ensaio), pegar meu celular. Lembrei então de utilizar o Word dessa vez, e não o bloco de notas, e já salvando o arquivo direto na nuvem, o que me facilitaria depois, em casa, tomar as notas no computador. Notei que usando o celular as crianças não estranhavam tanto, talvez por hoje em dia ser algo tão comum e por ser um instrumento utilizado com frequência pelas pessoas naquele local. (Nota de Campo, 23 de novembro de 2017).

A construção de vínculo com os sujeitos sucedeu com intensidade na medida em que havia uma regularidade de presença nesse lugar, fazendo-se presente não somente como observadora do local, mas como pessoa que compartilhava esse/desse lugar com seus sujeitos. O compartilhamento dos dados da pesquisa antes de sua finalização foi um dos aspectos que se pode citar como elemento de criação de vínculos e de confiança com as crianças e adultos, pois com o uso de uma câmera profissional para as fotos, além de ter material para a pesquisa também proporcionava fotos de ótima qualidade e registros daqueles momentos e, dividir essas imagens com as crianças e adultos do projeto fez ingressar um movimento de partilha, gerando ainda mais confiança nessa relação; afinal, passavam a saber e viver com a presença frequente da pesquisadora. De posse das imagens, os adultos e as crianças passaram a utilizá-las também para divulgação nas redes sociais do projeto; fato que os colocava numa relação de confiabilidade. Nesse sentido, semanalmente, havia o comprometimento de partilhar as fotos com a coordenadora do projeto e ela compartilhava com o grupo das crianças e famílias:

Logo que chego à quadra hoje, a coordenadora já fala das fotos que mandei ontem para ela. Diz que encaminhou para o grupo das crianças e das famílias e que eles ficaram "eufóricos"... Disse que acharam as fotos lindas e que nem se deram conta de eu ter pego tantos momentos deles que eles nem sabiam, mas adoraram se ver. (...) Quando entro na quadra algumas crianças vêm me dizer que "acharam as fotos muito lindas". (...) Como eles estão no propósito de divulgar o projeto mirim, a rede social tem sido uma ferramenta fundamental e, assim, para eles, as fotos têm sido de grande valia. Hoje, durante a tarde, recebi notificações de marcação na rede social do projeto onde eles postaram minhas imagens colocando os créditos com meu nome e mencionando a pesquisa. Esses movimentos de relacionamento com o campo têm me deixado cada vez mais próxima das pessoas desse lugar; uma relação que vai se construindo e se afinando por esse contato, pelas partilhas, e, sobretudo, pela relação de confiança que vai sendo criada. (Nota de Campo, 07 de agosto de 2018).

O movimento de idas e vindas, de permanências ao longo dos três anos permitiu maior proximidade e um vínculo relacional com os sujeitos da pesquisa, bem como com outros da comunidade da escola de samba. Assim, concebe-se que na etnografia a temporalidade, no sentido não cronológico mas de intensidade na vivência do *ethos*

local, está diretamente ligada à construção das relações entre quem pesquisa e quem é pesquisado, influenciando diretamente os rumos da pesquisa.

Nessa direção, de acordo com Gerber (2015, p. 40) “a etnografia se dá pela repetição. É repetir a observação, repetir a convivência, repetir momentos como nada fosse acontecer, de repente, tudo acontece”. Para a autora, esse movimento permite a descrição densa na pesquisa. E foi justamente dessa forma que construímos a relação com esse campo, em atenção às regularidades, idas e vindas, os tempos diferentes, os horários, rotinas, entre outros aspectos. Nessa relação, a posição e o tempo da pesquisadora também precisaram adequar-se à dinâmica desse campo/lugar. Cabe enfatizar que a repetição apresentada por Gerber (2015) é compreendida como regularidades, o que amplia a ideia do que se repete para um surgir permanentemente nas relações produzidas no campo, e/ou pelas ausências dessas mesmas regularidades. Com isso entende-se que o conceito de repetição utilizado pela autora relaciona-se com a presença no campo e não com os acontecimentos decorrentes das relações ali estabelecidas. A etnografia está em constante transformação e os sujeitos, igualmente nesse processo, transformam-se permanentemente.

Fazer etnografia na escola de samba foi, em muitas ou quase todas as vezes, ficar duas horas sentada na quadra da escola e ir embora sem escutar as vozes dos sujeitos, ou escutar e não entender o que falavam devido à polifonia dos sons. Os desafios metodológicos colocados pelo próprio campo, em suas dinâmicas e materialidades, foram interrogando as “técnicas” e recursos da pesquisa na construção dos dados etnográficos: afinal, como escutar as crianças? Acionamos outras dimensões para essa escuta, entendendo que a comunicação, neste caso, passa exclusivamente pelo corpo, em especial na relação com a dança. Trata-se de um local em que a música e o som estão sempre muito presentes; ou seja, na dinâmica dos ensaios na quadra o som permanece o tempo todo ligado, e nos ensaios gerais na passarela ou na rua há a presença da bateria da escola onde o som se faz ainda mais ressonante.

Permaneço observando a dança dos casais que vão se formando e seguindo a dinâmica. Pouco se fala, pois a música é alta para eles dançarem; assim, eles vão se comunicando mais pelos gestos e olhares, e quando falam algo, de onde eu estou, escuto muito pouco devido ao som. Esta é uma particularidade deste lugar/campo; já havia mencionado esse fator no registro de ontem. E conhecendo a dinâmica deste lugar sei que o fator “som” estará sempre muito presente, e hoje, registrando, percebo o quanto vou ter que lidar com a ausência das vozes e perceber que a comunicação entre as pessoas e minhas percepções nas minhas observações se darão por outras vias. (Nota de Campo, 23 de novembro de 2017).

Pesquisar as crianças no contexto das escolas de samba é levar em consideração que outras manifestações precisarão ser percebidas para além da oralidade, pois, estamos falando de um ambiente com som alto, onde pouco se fala, mas muito se comunica.

Com o samba enredo tocando no som da quadra, o casal de crianças permanece repetindo o movimento aprendido da dança e ajustando os passos; ajustes esses bem pontuais, do tipo, colocar uma perna para trás, levantar mais corpo, a posição do braço, o olhar, o sorriso, a postura, alguns exemplos de como são esses ajustes... havendo uma grande preocupação nesses detalhes... Vou vendo aqui que cada detalhe desses, por menores que sejam, fazem diferença na dança; ou melhor, têm uma importância grande na dança e conduta do casal se apresentando. As meninas de fora ficam a todo momento sinalizando para a menina que está dançando que sorria, corrija a postura; elas vão indicando com seus próprios corpos, fazendo gestos... A coordenadora e as crianças permanecem orientando, sentados no palco e se aproximando em alguns momentos só para mostrar ou corrigir algo pontual; um dos meninos também intervém explicando para o outro menino como fazer e a coordenadora vai sinalizando com a cabeça positivamente o que ele fala. (Nota de campo, 14 de dezembro de 2017).

Tanto durante os ensaios no projeto mirim, quanto, e principalmente, nos ensaios gerais, o som é ainda mais alto, pouco se escutam as vozes e, quando se escutam pouco se entende. Portanto, mais uma vez, o campo confronta a pensar metodologicamente quais caminhos tomar. Nesse sentido, o caminho encontrado foi apurar a compreensão sobre as formas comunicacionais não verbais e corporais que as crianças estabeleciam durante os ensaios e a dança, formas de se olharem, de se tocarem, de se comunicarem pelos comandos gestuais dos coordenadores. Na verdade, a necessidade de compreender o ritual que perpassa a dança do casal de mestre sala e porta bandeira para, então, conseguir entender a dinâmica estabelecida nos ensaios onde a comunicação se fazia presente por uma intensa corporeidade. Esse entendimento ocorre ao apurar as observações dessa corporeidade para os momentos em que as crianças ajudavam-se na dança, onde elas explicavam com seus corpos os movimentos e, ainda, nos momentos em que os coordenadores explicavam as regras e passos que elas não poderiam deixar de fazer durante a apresentação:

Durante a dança no ensaio geral na praça, a menina e menino que formam o casal mais novo do projeto vão mantendo os olhares como uma forma de comunicação entre eles, já que não há fala (e, segundo uma das regras, não pode haver comunicação verbal entre o casal durante a dança). Por isso, as formas que se expressam com o olhar são tão significativas; é como se cada um fosse encontrando em seus parceiros de dança esse canal de relação e comunicação... Os olhos vão falando durante a dança, e é um encontro de olhares a todo momento, onde eles comunicam qual o próximo passo, quando andar, quando parar... (Nota de campo, 19 de janeiro de 2018).

A dificuldade de interpretar as formas de comunicação das crianças na quadra foi um dos motivos para retornar ao campo, mesmo já tendo finalizado as observações, pois nesse retorno seria necessário colocar o material recolhido em contato com as crianças, para aprofundar e entender melhor, através delas, alguns pontos que haviam ficado 'escondidos' durante as análises das notas. Implicar os sujeitos na pesquisa, no contato com os registros de campo, é entender que as notas de campo partem de um olhar situado, da nossa posição-de-sujeito, uma posição que não é somente territorial, mas também culturalizada e epistemológica, e pode ser interrogada pelas crianças. Quando olhamos, olhamos por lentes nossas; quando registramos, registramos a partir de escolhas nossas; ou seja, a interpretação dos fatos e ações são nossas interpretações. Sendo assim, colocar essas interpretações na relação com os sujeitos da pesquisa implica um outro movimento para a etnografia que é, justamente, "escutar esses sujeitos" para, então, criar as condições para mobilizar os conceitos a partir desse deslocamento.

5. PALAVRAS FINAIS: A ETNOGRAFIA COMO UMA METODOLOGIA PARA CONHECER AS CRIANÇAS EM CONTEXTO

Este trabalho faz o esforço de interseccionar a etnografia pelo campo da antropologia colocando-a no diálogo com os Estudos da Infância e acionando, dessa forma, sua importância no processo de conhecer as crianças em contexto, considerando que elas não são iguais e vivem diferentemente suas infâncias em condições sociais concretas. Interroga as lentes que temos para *conhecer* e *saber* sobre as crianças, ao refletir sobre a colonialidade do nosso pensamento e os modos pelos quais aprendemos sobre as crianças, enfatizando que esses conhecimentos emergem sobre um paradigma da branquitude eurocêntrica. No caso, quando tratamos das crianças na pesquisa, precisamos compreender que estamos lidando com o paradigma adultocêntrico que verticaliza o olhar sobre esses sujeitos e que atua sobre a sua governabilidade e colonialidade através de um pensamento que prima pela homogeneização, classificação e hierarquização do ser humano. Esse modo pelo qual entendemos a pesquisa com crianças fundamenta-se em referências que estamos aqui colocando em questão pelo

processo de inscrição em culturas próprias do Morro da Caixa, do carnaval de Florianópolis, dos modos de vida que compõe as famílias e as crianças desse lugar.

Considerar as crianças do Morro da Caixa como atores sociais, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas infantis. (SARMENTO; PINTO, 1997). As culturas infantis não nascem num universo simbólico exclusivo da infância, portanto, não podemos interpretá-las num vazio social, por isso a necessidade de conhecer os contextos de vida no qual se organizam os modos de vida das crianças da comunidade do Morro da Caixa. Partimos desse olhar que, através da etnografia, proporcionou-nos adensar nossos conhecimentos sobre a cotidianidade das relações comunitárias existentes e que constituiu, em grande parte, os conhecimentos sobre o lugar das crianças na tradição carnavalesca e da cultura negra da cidade de Florianópolis.

Conferindo essas considerações com as da Antropologia da Criança, atribui-se relevância em reconhecer a condição ativa das crianças na construção das relações por elas próprias estabelecidas, buscando assim o seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista. Nessa perspectiva é necessário conhecer as crianças em si próprias, ou seja, tratá-las em "situação", conhecer não apenas o "mundo cultural das crianças", mas "a vida da criança em seu mundo de cultura" e, assim, "examinar no campo as suas experiências cotidianas de participação na vida, na cultura e no trabalho." (BRANDÃO, 1985, p. 138). De acordo com Brandão, precisamos lidar com "o conhecimento e com a pessoa real de crianças e adolescentes, compreendidos na totalidade significativa de suas vidas e identidades, *nas e através* das relações que mantêm com diferentes dimensões e campos de cultura que habitam.". (BRANDÃO, 1985, p.140).

Nesse sentido, consideram-se os diferentes lugares e contextos de vida das crianças para os estudos delas e com elas, no intuito de indicar outros espaços e tempos em que elas também circulam, habitam e produzem sentidos em suas vidas. A etnografia torna-se profícua enquanto metodologia de pesquisa que procura: i) conhecer as crianças em contexto; ii) conhecer sobre seus modos de vidas e com elas no processo de pesquisa; iii) interrogar os conceitos que emergem a partir dessa relação entre criança-pesquisadora-campo. Os desafios que se apresentam à pesquisa etnográfica com crianças estão marcados por esse 'dizer' do processo de pesquisa, das inquietudes, das dificuldades e das intempéries que surgem a partir da proximidade com o campo. Pensar sobre cada passo dado na direção das escolhas provenientes na relação estabelecida com campo, situar a posição ocupada pelo pesquisador/a adulto/a

na pesquisa com crianças, bem como interrogar-se sobre o que temos para conhecer determinadas infâncias, bem como, compreender a demarcação intergeracional que reside entre adultos e crianças, são condições que precisamos construir na pesquisa; essas questões não estão dadas e são construídas na medida em que reconhecemos que a pesquisa é feita artesanalmente, nessa cotidianidade onde os sujeitos - pesquisadores/as e crianças - encontram-se em constante transformação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Editora Brasiliense: SP, 1985.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (orgs). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.

COHN. Clarice. **Antropologia da Criança**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2. ed. 2008.

FERREIRA, Manuela. “- ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Reflexão e ação**, v. 18, n. 2, p. 151-182, 2010.

GEERTZ, Clifford. **O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil**. Florianópolis: editora da UFSC, 2015.

LIMA, Patrícia de Moraes. O governo da infância e a arte do cuidado de si. In: SOUZA, Ana Maria Borges de. BARBOSA, Isabella Benfica. **Cuidar da Educação, Cuidar da Vida**. Florianópolis: UFSC – CED – NUVIC. 2011.

LOPES, Jader Jader Moreira e VASCONCELLOS Tânia de. **Geografia da Infância: Territorialidades Infantis**. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p.103-127, Jan/Jun 2006.

LOPES, Jader Jader Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. In: **Educação Pública**. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.

MALINOWSKI, Bronisław. **Os argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem como símbolo de identidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENEZES, Maria Paula (orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

PRATT, Mary Louise. Trabalho de campo em lugares comuns. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura**. Rio de Janeiro: edUERJ, 2016.

RIBEIRO. Ana Paula Pereira da Gama Alves. **Novas conexões, velhos associativismos**: projetos sociais em escolas de samba mirins. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SKLIAR, Carlos. **Palabras de la normalidade. Imágenes de la anormalidade**. IN: DUSSEL, I; Gutierrez, D. Educar la mirada: políticas y pedagogias de la imagens. 1 ed. Buenos Aires, Manantial: FLACSO, OSDE, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2017.

NOTAS

AS CRIANÇAS NA ESCOLA DE SAMBA: O SABER-FAZER DA ETNOGRAFIA EM CONTEXTOS LOCAIS DE EDUCAÇÃO

Patrícia de Moraes Lima

Pós-doutora pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto- Portugal
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC
Florianópolis, Brasil
patricia.demoraeslima@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7741-3709> 

Fabiana Duarte

Doutoranda em Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC
Florianópolis, Brasil
fduarte17@yahoo.com.br
 <https://orcid.org/0000-0002-9329-0830>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Padre Schrader, 707, Agrônômica, Florianópolis, SC – 88025-090.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos sujeitos participantes da pesquisa

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA



Todos os autores contribuíram substancialmente.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Bolsa UNIEDU/FUMDES, Processo de Chamada Pública 650/SED/2017.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovado pelo comitê de ética em 11 de agosto de 2018, Número do Parecer: 2.815.002.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 23-04-2019 – Aprovado em: 12-09-2019